



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
PERNAMBUCO- IFPE  
CAMPUS AFOGADOS DA INGAZEIRA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**ANA CRISTINA NOBRE DOS SANTOS**

**QUINTAIS PRODUTIVOS AGROECOLÓGICOS: ESPAÇO EDUCATIVO DE  
TRANSFORMAÇÃO DA VIDA DAS MULHERES AGRICULTORAS RURAIS NO  
SERTÃO DO PAJEÚ**

**AFOGADOS DA INGAZEIRA – PE**

**2024**

**ANA CRISTINA NOBRE DOS SANTOS**

**QUINTAIS PRODUTIVOS AGROECOLÓGICOS: ESPAÇO EDUCATIVO DE  
TRANSFORMAÇÃO DA VIDA DAS MULHERES AGRICULTORAS RURAIS NO  
SERTÃO DO PAJEÚ**

Trabalho de Conclusão de Curso – *Artigo Científico*, apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* do Curso de Especialização em Educação do Campo do Instituto Técnico Federal - IFPE Campus Afogados da Ingazeira, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista.

**Orientador(a):** Raíssa Rattes Lima de Freitas

AFOGADOS DA INGAZEIRA – PE

2024

**ANA CRISTINA NOBRE DOS SANTOS**

**QUINTAIS PRODUTIVOS AGROECOLÓGICOS: ESPAÇO EDUCATIVO DE  
TRANSFORMAÇÃO DA VIDA DAS MULHERES AGRICULTORAS RURAIS NO  
SERTÃO DO PAJEÚ**

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientadora

Prof. Ms. Raíssa Rattes Lima de Freitas

---

Examinador Interno

Prof. Dr. Pablo Thiago Correia de Moura

---

Examinador Externo

Prof. Esp. José Adelmo dos Santos

## RESUMO

O quintal produtivo agroecológico é uma importante ferramenta metodológica que tem contribuído para que as agricultoras rurais saiam da invisibilidade, consigam gerar renda e ter protagonismo, colaborando para transformar as relações de gênero na agricultura familiar. A experiência apresentada é realizada na comunidade rural de Gameleira, município de Itapetim, sertão de Pernambuco. A metodologia trabalhada se baseou na realização de reunião em que foi apresentada a proposta da pesquisa para as agricultoras, identificando principalmente aquelas que já vinham sendo monitoradas através da caderneta agroecológica pela organização que atua na comunidade, a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú. Cinco agricultoras foram identificadas para a pesquisa e cada uma recebeu uma planilha com as informações da caderneta para que pudessem monitorar sua produção, consumo, doação, troca e comercialização durante três meses. Cada agricultora também respondeu um questionário socioeconômico e produtivo destacando questões importantes para análise sobre como se enxergam nesse espaço do quintal produtivo agroecológico. Como resultados dessa pesquisa destaca-se, o reconhecimento das mulheres enquanto chefe de família, muitas se consideram mães solas, ou seja, não contam com parceiros e/ou conjugue na divisão das tarefas. Se consideram empoderadas e reconhecem que as atividades que desenvolvem no quintal é trabalho, que assegura a segurança alimentar de suas famílias e gera renda com a comercialização do excedente. Além disso, se identificou que as mulheres dedicam uma média de 4h para as atividades produtivas e em média de 8 a 12 h nas atividades domésticas. A pesquisa evidenciou que a divisão justa do trabalho doméstico ainda é um grande desafio para as mulheres, portanto, é essencial que esse debate seja incorporado nas políticas públicas específicas, só assim as transformações necessárias para minimizar as desigualdades de gênero acontecerão. Por outro lado, a experiência do quintal também aponta como sendo este, para as agricultoras, um espaço de construção de autonomia e, principalmente, o reconhecimento do protagonismo das agricultoras.

Palavras-chaves: Quintal; Mulheres; Protagonismo; Caderneta Agroecológica.

## **ABSTRACT**

The agroecological productive backyard is an important methodological tool that has helped rural women farmers to escape invisibility, generate income and take a leading role, contributing to transforming gender relations in family farming. The experience presented is carried out in the rural community of Gameleira, municipality of Itapetim, in the hinterland of Pernambuco. The methodology used was based on holding a meeting in which the research proposal was presented to the women farmers, mainly identifying those who were already being monitored through the agroecological booklet by the organization that operates in the community, the Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú. Five farmers were identified for the research and each one received a spreadsheet with information from the booklet so that they could monitor their production, consumption, donation, exchange and commercialization for three months. Each farmer also answered a socioeconomic and productive questionnaire highlighting important questions for analysis about how they see themselves in this space of the agroecological productive backyard. As a result of this research, the recognition of women as heads of the family stands out, many consider themselves to be single mothers, that is, they do not have partners and/or spouses in the division of tasks. They consider themselves empowered. They recognize that the activities they carry out in the backyard are work, which ensures food security for their families and generates income through the sale of surplus. The results also demonstrated that women dedicate an average of 4 hours to productive activities and an average of 8 to 12 hours to domestic activities. This work showed that the fair division of domestic work is still a major challenge for women, therefore, it is essential to have this debate so that it is incorporated into specific public policies, only then will the necessary transformations to minimize gender inequalities occur. On the other hand, the experience of the backyard also highlights how it is, for women farmers, a space for building autonomy and, mainly, the recognition of the protagonism of women farmers.

**Key words:** Backyard; Women; Protagonism; Agroecological booklet.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>10</b>
2.1 OBJETIVO GERAL.....	10
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>11</b>
3.1 A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS, O DIREITO À ALIMENTAÇÃO ADEQUADA E A ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	11
3.2 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA AGRICULTURA FAMILIAR.....	12
3.3 OS QUINTAIS PRODUTIVOS AGROECOLÓGICOS E O EMPODERAMENTO FEMININO.....	14
3.4 AS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS E A VISIBILIDADE DO TRABALHO DAS MULHERES.....	16
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>17</b>
4.1 OS QUINTAIS PRODUTIVOS.....	17
4.2 AS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS ENQUANTO FERRAMENTA DE MONITORAMENTO DA PRODUÇÃO DAS MULHERES.....	18
4.3 QUESTIONÁRIO DE CAMPO.....	19
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>22</b>
<b>6. CONCLUSÕES.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXOS</b>	



## 1 INTRODUÇÃO

O escasso acesso das mulheres à propriedade e aos recursos econômicos é uma realidade no mundo. Estimativas da FAO<sup>1</sup> indicam que apenas 1% da propriedade no mundo está nas mãos das mulheres. A maioria dos Estados nacionais sequer dispõe de estatísticas oficiais relativas ao sexo dos/as proprietários/as. Os sistemas de herança estabelecidos no código civil e nos chamados direitos costumeiros condicionam o acesso à terra à condição civil das mulheres e à sua posição na família. O direito à terra e o controle da propriedade têm muitas implicações sobre as relações estabelecidas entre homens e mulheres (Butto, 2023).

No Brasil o aparecimento dos movimentos de mulheres rurais remonta aos anos 1980, com as primeiras manifestações por direito à sindicalização de forma independente de pais, irmãos e maridos. Suas primeiras lutas foram pelo reconhecimento da sua profissão enquanto agricultoras e por direitos decorrentes desse reconhecimento.

Também participaram ativamente da construção de associações de produtores, cooperativas e experiências de produção e comercialização de produtos agrícolas, extrativistas, da pesca e artesanais, ajudando a construir as redes de economia solidária e de produção agroecológica hoje existentes no país (Siliprandi, 2009).

Nesse contexto, é possível afirmar que as mulheres rurais participam de todas as atividades produtivas e não produtivas, ou seja, estão presentes nas atividades agrícolas e não-agrícolas. Nesse sentido, Lopes Neto e outros (2015) discorrem que há um amplo leque de contribuições feitas pelas mulheres que simplesmente não são reconhecidas como trabalho e, portanto, não são contabilizadas dentro da lógica mercantil que rege os mercados formais.

Contribuindo nesse debate, Siliprandi (2015) destaca que embora a mulher trabalhe efetivamente no conjunto de atividades da agricultura familiar (incluindo a transformação de produtos e o artesanato), somente são reconhecidas, ainda assim com status inferior, aquelas atividades consideradas extensão do seu papel de esposa e mãe (preparo dos alimentos, cuidados com os filhos, etc.).

Essa visão, traz a luz segundo, Lopes Neto e outros (2015) a invisibilidade do trabalho das mulheres na agricultura, destacando que os espaços que ocupam aparecem secundarizados e menosprezados, em clara oposição aos espaços onde os homens estão presentes. Os espaços ocupados pelas mulheres aparecem sem as mínimas condições de infraestrutura, aumentando ainda mais a sobrecarga de trabalho, reforçando as desigualdades.

---

<sup>1</sup> Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação



Contrapondo-se a essa ideia, Silva e outros (2020), afirma que a produção dos quintais agroecológicos é determinante para a reprodução social e econômica das famílias. A diversidade encontrada nos quintais fortalece a agroecologia, as relações de troca de saberes, respeito e reprodução da vida e da natureza. As partilhas de saberes garantem os quintais como espaço de socialização da família, mas, também como espaço de autonomia das mulheres, onde conseguem maior liberdade para escolher o que plantar e de que forma fazê-lo.

Nesse sentido, Lopes Neto e outros (2015) enfatizam a importante contribuição dos espaços de produção de alimentos geridos pelas mulheres, destacando que essa análise é apoiada na crítica realizada pela economia feminista, que incorpora o trabalho doméstico e de cuidados na análise do sistema socioeconômico como parte de um conceito de economia centrado na sustentabilidade da vida humana e não apenas nas relações de mercado.

Portanto, faz-se necessário destacar a construção de uma perspectiva feminista construída dentro da agroecologia pelos movimentos de mulheres, que passou a reconhecer e promover as práticas históricas e sociais das mulheres desde o surgimento da agricultura e da produção de alimentos.

No semiárido, a compreensão sobre quintal produtivo é de espaço ao redor da casa que visa cultivar a terra para a produção de alimentos saudáveis e diversificados. Rodrigues (2017) reforça que esse espaço também é de produção de conhecimentos, experiências e de práticas culturais ancestrais mantidas e multiplicadas pelas mulheres.

São nos quintais produtivos agroecológicos, que as mulheres asseguram a soberania e segurança alimentar de suas famílias. Para Calaça (2012), nesse espaço do quintal há uma grande diversidade produtiva, como: a produção de horta, espécies frutíferas, as plantas medicinais, os pequenos animais e as plantas ornamentais. Afirma ainda que essa simbologia cultural é muito forte, porque o quintal produtivo também é compreendido como um local das conversas entre as vizinhas e a brincadeira das crianças, caracterizado por esse conjunto de elementos fundamentais é que nele são as mulheres as responsáveis por decidir o que e como plantar.

Destaca também, que o processo de construção dessa valorização é fruto da luta e organização das mulheres, ocasionando em impactos em sua vida de forma concreta, a partir da organização política, com a luta por direitos, reconhecer-se como trabalhadora, ampliar seu acesso à renda via a comercialização da sua produção, com autonomia produtiva e organizativa.

O conhecimento tradicional de usar plantas no tratamento de doenças tem sido inserido nas práticas das hortas comunitárias, conhecimentos que são passados de geração para geração, principalmente pelas mulheres. Isso tem refletido na busca pelas pessoas que consomem os alimentos dessa produção (Gratão et al., 2015).

Portanto, é perceptível observar que os quintais produtivos agroecológicos protagonizados pelas mulheres trabalhadoras rurais, têm se transformado em ambientes de muito aprendizado, partilha e contribuído para a autonomia financeira.

Segundo Pereira e outros (2021) para as mulheres, os quintais são as “pequenas” experiências que se tornam grandes quando vários quintais se juntam para construção da soberania alimentar e da agroecologia e acabam sendo exemplo de mudança para toda a unidade de produção e a própria venda para as políticas públicas evidencia isso.

O instrumento metodológico da caderneta agroecológica, reforça esse entendimento de que o trabalho realizado pelas mulheres nos quintais produtivos vem contribuir para o monitoramento da renda monetária e com a renda não monetária. Nesse sentido, Lopes Neto e outros (2015) destacam que além do monitoramento da renda, as cadernetas têm como finalidade reconhecer o trabalho realizado pelas mulheres e dar visibilidade à sua contribuição econômica, na maioria das vezes invisível para a família, para os agentes de Ater, órgãos do governo e para os bancos. Além disso, que a produção de alimentos dos quintais agroecológicos para o autoconsumo, apesar de fundamental para a segurança alimentar e para a economia da família, contribuiu para reduzir o que se compra fora ficando invisível para a família e para a sociedade.

Reafirmando a importante contribuição dos quintais produtivos agroecológicos para o empoderamento das mulheres, especialmente para as trabalhadoras rurais, Abrantes (2015) destaca que os agroecossistemas geridos pelas mulheres contribuem para que o rural seja ecologicamente equilibrado, viável e direcionado também para além do econômico, o social, o cultural, a política, as futuras gerações, contribui para o resgate do saber tradicional e para a segurança nutricional.

O município de Itapetim, local onde aconteceu essa pesquisa, conforme dados do IBGE (2021), localiza-se a cerca de 387 km de distância do Recife, tem uma área territorial de 411,901 km<sup>2</sup>. Sua população estimada é de 13.791 habitantes, tem uma densidade demográfica de 33,48hab/km<sup>2</sup>. Uma certa parte da população vive na zona rural, distribuída em mais de 110 comunidades rurais. Itapetim é o 134º em população de Pernambuco e o 133º em riqueza (PIB), também de acordo com o IBGE (2021).

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Analisar o monitoramento da renda do quintal produtivo agroecológico das mulheres através da caderneta agroecológica, verificando, a renda monetária, o autoconsumo, a autonomia econômica, o empoderamento das agricultoras, e sua contribuição para a sustentabilidade e a segurança alimentar de suas famílias.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar a renda monetária gerada pelos quintais produtivos agroecológicos e a renda não monetária do autoconsumo por vezes invisibilizada;
- Analisar a divisão justa do trabalho doméstico e o impacto sobre o tempo da mulher nas tarefas da casa e do quintal;
- Identificar o empoderamento feminino e a autonomia econômica das mulheres proporcionadas pelos quintais, destacando os aspectos da soberania e segurança alimentar;
- Contribuir no diálogo para formulação de políticas públicas voltadas para mulheres agricultoras.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS, O DIREITO À ALIMENTAÇÃO ADEQUADA E A ECONOMIA SOLIDÁRIA

Em 1996, durante a Cúpula Mundial da Alimentação realizada em Roma, a Via Campesina apresentou, pela primeira vez, o conceito de Soberania Alimentar, como estratégia primordial para garantir o Direito Humano à Alimentação Adequada.

Desde sua criação, esse conceito foi melhorado e ampliado, passando a ser adotado por diferentes movimentos sociais do campo e da cidade, além de alguns organismos internacionais e também por governos nacionais, como forma de reivindicar a construção de um sistema agroalimentar democrático e autogestionado pelo povo e não por umas poucas empresas multinacionais, tanto no âmbito interno dos países como no âmbito de organismos supranacionais ou internacionais como a Organização Mundial do Comércio – OMC, (Dubeux, 2017).

Nesse sentido, a Declaração de Nyélény (2007) define a Soberania Alimentar como sendo: O direito dos povos a alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica e o direito de decidir o seu próprio sistema alimentar e produtivo. Colocando quem produz, distribui e consome alimentos no coração dos sistemas e políticas alimentares, acima das exigências dos mercados e das empresas.

Segundo Dubeux (2012), há um interesse das gerações atuais e das futuras gerações em pensar e construir estratégias capazes de resistir e desmantelar o comércio livre e corporativo e o regime alimentar atual: orientando prioritariamente os sistemas alimentares, agrícolas, pastoris e de pesca para as economias locais e os mercados locais e nacionais; outorgar o poder aos camponeses, à agricultura familiar, sobretudo, agroecológica, a pesca artesanal e o pastoreio tradicional; coloca a produção alimentar, a distribuição e o consumo como bases para a sustentabilidade do meio ambiente, social e econômica. Promover o comércio transparente, de forma a garantir condições de vida dignas para todos os povos e o direito dos consumidores de controlarem a própria alimentação e nutrição. Garante que os direitos de acesso e a gestão da terra, territórios, águas, sementes, animais e a biodiversidade estejam nas mãos daqueles que produzem os alimentos.

Portanto, a soberania alimentar supõe novas relações sociais livres de opressão e desigualdades entre homens e mulheres, grupos étnicos, classes sociais e gerações. Esse é um campo em disputa dentro do movimento da economia solidária, já que existem vozes cada vez mais potentes defendendo a tese de que as ações necessárias para a consecução de um desenvolvimento sustentável passam pela construção da soberania alimentar, através de uma produção de alimentos agroecológico e não de uma produção em larga escala utilizando agrotóxicos e transgênicos (FBES, 2013).

Nesse sentido, considerar a ideia de uma alimentação saudável não é apenas fruto de um modismo vinculado àqueles que se utilizam desta estratégia como “buscadores de saúde”. A perspectiva é priorizar a atuação de consumidores conscientes no âmbito de um mercado justo e solidário, organizado a partir da articulação de redes econômico-solidárias nos diferentes territórios. São principalmente as estratégias de comercialização e consumo os motes de articulação da agroecologia e da economia solidária na luta pela transformação dos territórios de convergência das práticas.

Para Dubeux (2017), a construção de uma nova cultura econômica passa pelo resgate das vivências de reciprocidade outrora utilizadas e destruídas pelo capitalismo. Para tanto, é necessário alterar a centralidade da atividade econômica, deslocando o seu foco do único objetivo de geração de lucro para a busca do bem viver dos seres humanos nela implicados.

Nesse sentido, Ribeiro e Veiga (2011) indicam que o consumo sustentável ou consciente<sup>2</sup> envolve a busca por produtos e serviços ecologicamente corretos, a economia de recursos como água e energia, a utilização dos bens até o fim de sua vida útil e a reciclagem dos materiais.

Assim, o ato de consumir é um processo individual e coletivo, simbólico e carregado de significado, influenciado pelos valores culturais e individuais que norteiam a ação de cada um. A afirmativa de Belk (2000, p. 76), “nós somos o que temos e possuímos”, revela o quanto o ser humano se caracteriza pelo que consome.

Segundo Rodrigues (2017), os quintais permitem às famílias variedade alimentar, a preservação da cultura alimentar e dos recursos naturais, por complementarem as necessidades de subsistências cotidianas, corroborando para a qualidade alimentar. A associação entre os quintais e a segurança alimentar vem se tornando cada vez mais

---

<sup>2</sup> Consumo consciente, pode ser caracterizado a partir de quatro dimensões: consciência ecológica, economia de recursos, reciclagem e frugalidade ou planejamento.

consistente à medida que o manejo eleva a produção de alimentos de valor nutricional para a família.

### 3.2 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA AGRICULTURA FAMILIAR

Segundo Caporal (2004), a agricultura familiar é mais apropriada para o estabelecimento de estilos de agricultura sustentável, uma vez que ocupa maior mão de obra, produz uma diversidade de culturas, que são próprias desta forma de organização e assim, possui maior capacidade de proceder ao redesenho de agroecossistemas de maneira mais adequada aos ideais de sustentabilidade.

A agricultura familiar tem grande importância na absorção da mão-de-obra, na geração de empregos e na produção alimentar, fomentando a segurança alimentar, nutricional e produtiva local, territorial dos povos rurais e urbanos. Chamar uma agricultura de familiar levanta de imediato uma questão sobre a lógica da organização de grupos domésticos como força motriz orientadora para a vida social no campo. E não se pode refletir sobre essa lógica sem abordar a questão de gênero (Gomes et al., 2015).

Nesse sentido, Faria e Nobre (1997) destacam que gênero enquanto categoria de análise foi interiorizada pelos movimentos de mulheres com o objetivo de evidenciar as desigualdades existentes entre homens e mulheres na sociedade, buscando principalmente a desconstrução da visão de insubordinação da mulher partindo unicamente da sua natureza, e afirmando que a inferioridade feminina é fruto da cultura e não da sua condição biológica.

A historiadora Joan Scott (1990), destaca que a análise a partir da leitura de gênero vem contribuir com a desconstrução histórica a cerca da naturalidade do papel social da mulher. Considerando principalmente que as condições em que vivem as mulheres, não é produto de uma natureza, ou condição biológica, mas, sim de uma construção social que através da cultura a sociedade determina os papéis que machos e fêmeas “condição biológica” devem adotar para se tornarem homem e mulher “condição social” e essas diferenciações de papéis entre esses sujeitos se fortaleceu, especialmente, com a implantação do sistema capitalista.

Para Cabral (1998), as relações de gênero são frutos de um processo pedagógico que tem início no nascimento e permanece ao longo de toda a vida, reforçando as desigualdades existentes entre homens e mulheres, principalmente em torno de quatro eixos: Sexualidade, reprodução, divisão sexual do trabalho e o âmbito público/cidadania.

Na agricultura familiar sertaneja, a análise de gênero indica que muitas mulheres ainda não possuem acesso à cidadania, saúde, educação e nem mesmo reconhecimento da sua condição de agricultora familiar, trabalhadora rural (Brasil, 2008).

Para Siliprandi (2009), apesar de alguns avanços, trabalhadoras rurais, agricultoras familiares e camponesas, em geral, ainda vivem uma série de dificuldades em sua vida cotidiana, sobretudo, em função da falta de autonomia econômica e pessoal. São também afetadas pela falta de infraestrutura no meio rural, que dificulta as condições para o cumprimento das tarefas domésticas (busca de água, lenha, falta de condições sanitárias); assim como pela falta de estradas, escolas e postos de saúde. As mulheres agricultoras ainda são invisibilizadas como trabalhadoras e como cidadãs, seu trabalho é considerado apenas uma ajuda.

A discriminação contra as mulheres vem sendo disseminada desde a antiguidade, é histórica e estrutural, resultado de uma sociedade patriarcal. Nessas sociedades os papéis e ocupações são bem definidos não podendo a mulher realizar as mesmas atividades que o homem, pois elas são vistas como um ser inferior, incompleta e frágil (Pereira, 2012).

Para Carneiro e outros (2013), às relações de gênero merecem destaque principalmente quando remete ao sistema de quintal produtivo, tendo em vista que são as mulheres, salvas raríssimas exceções, quem cuidam das atividades relacionadas aos quintais.

A construção de uma visão estereotipada acerca do trabalho das mulheres nas atividades agrícolas, historicamente invisibilizou o protagonismo das mulheres na agricultura, contribuiu principalmente para criar a ideia de que o trabalho no quintal produtivo não gera renda porque não apresenta viabilidade econômica, essa invisibilidade reforça a ideia de que o trabalho das mulheres no quintal produtivo é insignificante.

### 3.3 OS QUINTAIS PRODUTIVOS AGROECOLÓGICOS E O EMPODERAMENTO<sup>3</sup> FEMININO

---

<sup>3</sup> O empoderamento é um processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E esse processo leva a libertação das mulheres em relação aos paradigmas da opressão de gênero e patriarcal. Empoderar a mulher é progredir como sociedade. Entender que é essencial que a mulher tenha condições iguais de reconhecimento, emprego, salário, educação, cidadania e saúde, é um passo para que se possa proporcionar uma sociedade mais justa, com melhores condições de vida e mais igualdade de gênero (Pereira, 2012).

As funções socioeconômicas dos quintais, principalmente no que se refere ao autoconsumo e venda do excedente, vêm contribuindo de maneira significativa para a autonomia e permanência das famílias no campo (Carneiro, 2013).

Os quintais também se constituem como sendo espaços de uso integrado do solo, que favorece a ciclagem de nutrientes, a conservação do solo e a biodiversidade. São locais de conservação, geração de renda e autonomia, é nesse ambiente que as mulheres se revestem de autonomia, debatem, se reconhecem como produtoras e têm a oportunidade de socializar com outras mulheres. A conjuntura de todos esses fatores começou a modificar a visão limitada que elas tinham de si, e como consequência as agricultoras começaram a reunirem-se em organizações, reuniões e associações, ganhando espaço e visibilidade. Os quintais contribuem para a ascensão do protagonismo das mulheres como agentes de transformação de si e da estrutura social (Brito, 2020).

É muito marcante a presença das mulheres no espaço produtivo do quintal, o que pode se dar pelo fato de estar perto da casa e relacionado com o trabalho reprodutivo e dos cuidados. A produção nos quintais é determinante para formação social e econômica das famílias (Oliveira, 2015).

Nesses espaços produtivos, existe uma grande diversidade de experiências que fortalece a agroecologia, as relações de troca de saberes, contribuem para o respeito, reprodução da vida e da natureza (Pereira et al., 2021).

As trocas de saberes garantem os quintais como espaço de socialização da família, mas, também como espaço de autonomia das mulheres, onde elas têm maior liberdade para escolher o que plantar e de que forma fazê-lo.

Por outro lado, o trabalho que as agricultoras executam nos quintais e nas atividades domésticas, além do serviço na propriedade é quase sempre definido como subsidiário, mera “ajuda” ao marido. O grande problema é que essa perspectiva também é propagada pelas próprias trabalhadoras, o que retrata a desvalorização do trabalho feminino pela sociedade, e consequentemente, o apagamento a respeito do reconhecimento delas na produção (Almeida et al., 2014).

Na perspectiva da economia feminista, as mulheres têm produzido a partir de suas práticas, colocando o cuidado da vida como um objetivo a ser perseguido. Isso significa ressaltar a importância da valorização do trabalho das mulheres não apenas em termos monetários, mas pelo próprio sentido e contribuição deste para a reprodução da vida, que envolve a construção de relações, a promoção de saúde e cuidados e, sobretudo, a



possibilidade da construção de um modelo de produção que viabiliza a conservação da biodiversidade (Aleixo, 2019).

Segundo Alvarenga e outros (2018), desta forma o desafio de pôr luz aos quintais e outros espaços de maior autonomia das mulheres, se soma ao desafio de sistematizar e compreender a economia da vida das agricultoras agroecológicas, em sua totalidade. A ferramenta visual permite desvelar as desigualdades de gênero nos agroecossistemas colocando luz nos espaços que as mulheres são protagonistas e que utilizam para a construção de sua autonomia, a partir de seu próprio trabalho, produzindo alimento, conhecimento, soberania alimentar, relações econômicas, seja através da troca, da doação, venda ou consumo e com proteção da biodiversidade, sendo uma ferramenta de emancipação feminina.

Destaca-se ainda nessa diversidade produtiva dos quintais, os alimentos produzidos para alimentação dos animais, a exemplo das várias espécies de leguminosas, capins, palmas forrageiras, além dos subprodutos derivados dos processos de beneficiamento que também complementam a alimentação dos pequenos animais, como caprino ovino, porcos e a criação de galinhas.

A economia feminista reconhece a importância do trabalho reprodutivo como fundamental para a reprodução da vida. Busca devolver às mulheres seu lugar de protagonismo, essencial para a reprodução social e para a condição da vida humana. As relações de cuidado são essenciais para a sustentação da vida e do sistema econômico que estrutura-se em longas jornadas enfrentadas pelas mulheres (Carrasco, 2017).

A comercialização do excedente da produção dos quintais acontece de várias maneiras, uma delas é nos programas institucionais, Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e no Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, além da venda direta nas comunidades e em feiras locais. Essa comercialização tem motivado as mulheres a ampliar o leque de ofertas e potencializado autonomia econômica, além dos aprendizados sobre comercialização coletiva, que é o que acontece quando as mulheres se juntam para vender seus produtos, e fazer a gestão, além do contato direto com o consumidor, possibilitando assim, ampliação da produção e da variedade de produtos.

Como reflexo desse trabalho nos quintais produtivos agroecológicos destaca-se, a assessoria técnica específica que contribui para o fortalecimento das mulheres nesse espaço produtivo. Para Almeida (2008), a assessoria técnica na perspectiva feminista agroecológica, tem um papel fundamental enquanto facilitadora dos processos, tendo a concepção de que são nas trocas de saberes, na construção dos conhecimentos e na partilha dos diversos aspectos da vida humana e da convivência respeitosa com o meio ambiente, que será possível contribuir

para a transformação das relações sociais com mais justiça e igualdade para mulheres e homens viverem e trabalharem no campo.

### 3.4 AS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS E A VISIBILIDADE DO TRABALHO DAS MULHERES

A caderneta agroecológica (C.A) é um instrumento político-pedagógico criado pelo CTA/ZM - Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, que está localizado em Viçosa- MG, é um instrumento de mensuração da produção das mulheres nos quintais produtivos e tem como objetivo visibilizar o trabalho das mulheres, contribuindo para dar visibilidade ao debate de gênero no meio rural, consolidando o debate feminista acerca das condições de precariedade e inferioridade que as mulheres camponesas se encontram (Medeiros et al., 2018).

Medeiros e outros (2019, p. 22) destaca que “devemos nos atentar para não esquecer dos produtos doados e trocados pelas mulheres”. Esses números precisam ser valorizados, pois estão muito presentes nas relações de solidariedade e reciprocidade. Além disso, são essas relações que permitem que muitas pessoas tenham acesso a alimentos, infraestrutura e serviços, sem passar por relações monetárias. São relações fundamentais para entendermos os sentidos distintos que as mulheres dão aos alimentos e à produção agrícola, e qual o valor que atribuem a cada produto ou alimento, rompendo a racionalidade economicista do mercado e nos ajudando a ampliar os olhares sobre os processos produtivos e de consumo.

A Caderneta Agroecológica é um instrumento político-pedagógico de simples aplicação, formado por quatro colunas para anotação, sendo elas: consumo, doação, troca e venda, ela busca quantificar a produção das agricultoras nos quintais produtivos (Silva et al., 2020).

Medeiros e outros (2018), destaca ainda que ao mesmo tempo, a caderneta é a afirmação do papel das mulheres camponesas na construção da agroecologia. As informações coletadas dão conta da contribuição das mulheres, que vai muito além da esfera reprodutiva. Ao se dedicarem aos agroecossistemas, as mulheres têm permitido a existência de uma enorme variedade de sementes, alimentos, plantas medicinais e saberes, garantindo soberania e segurança alimentar e nutricional, saúde e renda para as famílias.

## **4 METODOLOGIA**

A pesquisa fundamenta-se em um conjunto de elementos que visam contribuir para análise de dados sistematizados a partir das experiências desenvolvidas por agricultoras nos quintais produtivos agroecológicos.

A comunidade rural de Gameleira onde a pesquisa foi realizada localiza-se no município de Itapetim, sertão de Pernambuco, a pesquisa tem como foco analisar as experiências produtivas de 05 agricultoras que cultivam em seus quintais produtivos agroecológicos, uma diversidade de alimentos, tanto para o consumo humano (autoconsumo), quanto para os animais, e para a geração de renda com a comercialização do excedente, bem como analisar como essa produção contribui para a soberania e segurança alimentar das mulheres e suas famílias, como também para a autonomia financeira.

A seguir serão apresentadas as descrições das ferramentas utilizadas para o desenvolvimento do trabalho:

### **4.1 OS QUINTAIS PRODUTIVOS**

A pesquisa baseou-se na observação e monitoramento de 05 quintais produtivos agroecológicos, espaço de protagonismo das mulheres e que se concentram geralmente ao redor da casa, nesse local as agricultoras produzem uma diversidade de plantas, desde as hortaliças, frutíferas, medicinais e plantas forrageiras que alimentam os animais principalmente durante o período de estiagem. Esse espaço tão diverso, é normalmente onde as mulheres exercem sua autonomia, seja na escolha das sementes para o plantio, seja na escolha dos animais que se alimentam dessa produção.

Para além dos cultivos de sementes, manejo de solos e os conhecimentos que as mulheres têm sobre produção agroecológica, preservação e conservação do bioma, possibilita que além de produtoras de alimentos, também sejam pesquisadoras e observadoras da natureza. A diversidade de plantas medicinais concentradas nos quintais, permitem que muitas das infusões, xaropes e chás ajudem a controlar e evitar muitos problemas de saúde. O que contribui diretamente para a sustentabilidade, segurança alimentar, saúde e bem-estar.

#### 4.2 AS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS ENQUANTO FERRAMENTA DE MONITORAMENTO DA PRODUÇÃO DAS MULHERES

A Caderneta Agroecológica (Figura 1) foi a ferramenta adotada para o monitoramento da renda monetária e não monetária das mulheres rurais, a partir do trabalho protagonizado por elas na propriedade.

É uma ferramenta político-pedagógico de simples aplicação, formado por quatro colunas para anotação, sendo elas: consumo, doação, troca e venda, ela busca quantificar a produção das agricultoras nos quintais produtivos, conforme apresentado na Figura 2.

**Figura 1** - Caderneta agroecológica.



**Fonte:** A Caderneta Agroecológica é um instrumento de mensuração da renda, criada pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata - CTA/ZM - Viçosa MG.

**Figura 2** – Planilha da caderneta agroecológica para controle de produção.

Caderneta Agroecológica											
Controle da Produção											
Qtd	Consumiu	R\$	Qtd	Deu	R\$	Qtd	Trocou	R\$	Qtd	Vendeu	R\$

**Fonte:** A Caderneta Agroecológica é um instrumento de mensuração da renda, criada pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata - CTA/ZM - Viçosa MG

#### 4.3 QUESTIONÁRIO DE CAMPO

O grupo de mulheres “Pajeú Lutando pelo Desenvolvimento” da comunidade rural de Gameleira, município de Itapetim, surgiu em 2012, fruto da intervenção de um outro grupo de mulheres da comunidade rural de São Miguel, município de São José do Egito/PE.

O grupo de Mulheres da Gameleira, como é conhecido, é formado por 20 mulheres, agricultoras rurais da comunidade rural de Gameleira e comunidades vizinhas. Esse é um grupo legalmente constituído como “associação de mulheres rurais” e que integra a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú, organização que atua na região do sertão do Pajeú há 17 anos e que surgiu da demanda das próprias mulheres em constituírem uma organização específica que lhes possibilitasse visibilidade em suas experiências e representação na luta por seus direitos.

Participaram diretamente dessa pesquisa de campo 05 agricultoras que trabalham com quintais produtivos agroecológicos. As mulheres começaram a monitorar a produção do quintal através de uma pesquisa inicial realizada pela Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú entre os meses de fevereiro, março e abril de 2017 e 2019. A partir deste precedente, foi

realizada uma conversa com a liderança do grupo, alinhando a participação nesta atual pesquisa.

Para obtenção de dados, além do que é anotado na caderneta agroecológica, foi elaborado um questionário (Anexo A) com perguntas semiestruturadas, sendo constituído de breve perfil das agricultoras, seguido de perguntas relacionadas à dinâmica dos quintais e a visão das agricultoras sob as atividades desenvolvidas neste espaço.

Além disto, foram deixados com as mulheres o formulário da caderneta agroecológica para que elas realizassem o monitoramento durante os meses de fevereiro, março e abril de 2024, a fim de obter dados recentes e possibilitar uma análise temporal da evolução dos quintais ao longo dos anos estudados.

Um dos aspectos da pesquisa é evidenciar as possíveis mudanças temporais com relação aos elementos que a caderneta aborda, como por exemplo, os tipos de produtos produzidos nos quintais produtivos agroecológicos, o autoconsumo das mulheres e suas famílias, a renda gerada pela comercialização do excedente e principalmente a autonomia econômica das mulheres a partir dessas experiências. Analisa ao mesmo tempo, a comunidade de Gameleira e a organização das mulheres enquanto grupo.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante destacar a contribuição dos quintais produtivos como espaços educativos e metodológicos na produção de alimentos principalmente para o autoconsumo das famílias, impactando diretamente na saúde destas, além da geração de renda e das vivências, experiências e conhecimentos desenvolvidos pelas agricultoras nesse espaço grandioso.

Diante deste cenário foi realizada a aplicação de questionário com as agricultoras considerando o perfil das entrevistadas, conforme demonstrado abaixo na Tabela 1, onde especifica a faixa etária, como se autodeclaram e a escolaridade:

**Tabela 1** – Perfil das mulheres participantes

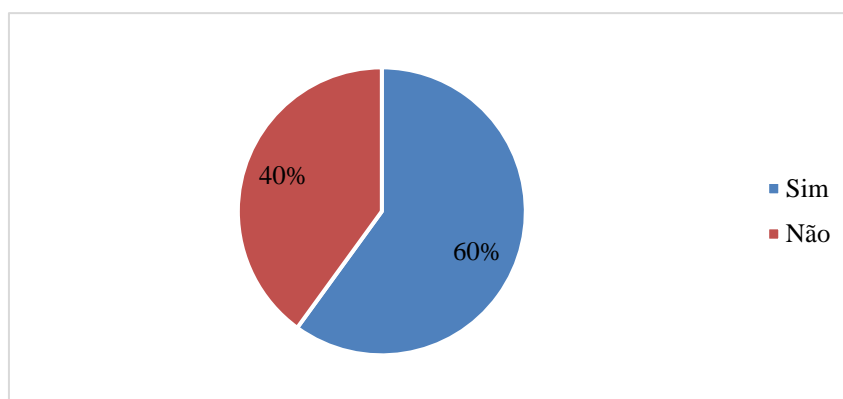
Perfil das participantes					
Faixa etária das mulheres pesquisadas		Cor		Escolaridade	
Idade	Quantidade				
30 a 49 anos	03	Parda	04	Ensino médio completo	03
		Preta	0	Ensino fundamental completo	01
50 a 60 anos	02	Branca	01	Médio Técnico	01

**Fonte:** Pesquisa de campo.

Os dados revelam que as agricultoras estão em uma faixa etária que demonstra potencial para as atividades produtivas e para a geração de renda com a comercialização, se reconhecem enquanto mulheres pardas, com escolaridade variando entre o ensino fundamental, nível médio e técnico.

Outra questão importante diz respeito a como as mulheres se enxergam dentro de suas famílias, um percentual significativo das entrevistadas destacaram que se consideram mães solos, conforme apresentado no gráfico abaixo:

**Gráfico 1** - Representação das mulheres que se consideram mãe solo.



**Fonte:** Pesquisa de campo.

As mulheres que se auto afirmam como mães solas, enfatizam que não contam com o apoio e/ou colaboração dos cônjuges e/ou companheiros em nenhuma das atividades que realizam, seja na produção ou nas atividades domésticas. O que reforça as desigualdades de gênero e coloca sobre as mulheres uma extensa sobrecarga de trabalho, que tem contribuído, sobretudo, para o adoecimento físico e mental, conforme relatado pelas próprias mulheres.

“Meu marido nunca me ajudou nas atividades de casa, e nem no meu quintal, sempre trabalhei sozinha. Refiz meu quintal várias vezes porque no começo, ele colocava os animais dele pra comer minhas plantas.”

(agricultora participante da pesquisa)

A fala da agricultora, reflete a realidade da maioria das mulheres, sobretudo, das trabalhadoras rurais. Confirma inclusive o resultado da pesquisa quando destacam em suas falas que, mesmo aquelas que se autodeclaram casadas, reafirmam que não compartilham as atividades domésticas e/ou dos cuidados com seus cônjuges/companheiros, colocam que eles não se dispõem a contribuir, ou raramente contribuem por entender que não é responsabilidade deles. Em muitos casos, ainda prejudicam a atividade produtiva das mulheres no quintal, como no relato citado.

Os dados apresentados visibilizam que as agricultoras compreendem que as atividades que realizam no quintal são trabalhos e não hobby ou passatempo, avanço bem importante, considerando que há pouco tempo quando perguntadas diriam que seria apenas “ajuda”.

Nesse sentido, Almeida et al. (2014), destacam que o trabalho que é executado nos quintais e nas atividades domésticas, além do serviço na propriedade é quase sempre definido como subsidiário, mera “ajuda” ao marido. O grande problema é que essa perspectiva também é propagada pelas próprias trabalhadoras, o que retrata na desvalorização do trabalho feminino pela sociedade, e conseqüentemente, o apagamento a respeito do reconhecimento delas na produção.

Porém, algumas mudanças são perceptíveis quanto a compreensão das agricultoras com suas experiências no quintal, que contribuem diretamente para o empoderamento das mesmas, visibilizando que esse trabalho gera aprendizados importantes e que provoca transformações sociais, dentre elas, a compreensão sobre o conceito de “trabalho” a partir de suas experiências, percepção e valoração desse espaço de produção, conforme detalhado na Tabela 2.



Os dados apresentados demonstram também que além da compreensão de trabalho que as mulheres evidenciam, ao mesmo tempo revelam um nível de autonomia exercida por elas, principalmente quando se trata da gestão dos recursos financeiros e da escolha das sementes e plantas para o quintal.

**Tabela 2** - Percepção das mulheres sobre trabalho e autonomia

Perguntas	Respostas
Você considera como sendo "trabalho" a produção que realiza no quintal produtivo agroecológico?	100% afirmaram que sim
A renda gerada com a venda do excedente da produção do quintal agroecológico é sua ou do seu esposo?	100% afirmaram ter autonomia sobre a renda gerada
Você decide sobre o que comprar com o dinheiro gerado através do trabalho realizado no quintal produtivo agroecológico?	100% afirmaram que sim
Você decide sobre o que plantar em seu quintal produtivo agroecológico?	100% afirmaram que sim

**Fonte:** Pesquisa de campo

Os dados apresentados pela pesquisa, revelam inclusive dentre outras coisas, que o quintal produtivo é um espaço de transformação das relações sociais e de protagonismo das mulheres, esse fato, também evidencia o reconhecimento que as agricultoras demonstram pelas atividades no quintal, sobretudo, porque é nesse espaço tão diverso e múltiplo que também asseguram a soberania e segurança alimentar de suas famílias, além da renda gerada com a comercialização do excedente, conforme demonstrado na tabela abaixo (Tabela 3).

**Tabela 3** – A diversidade da produção do quintal produtivo agroecológico

Perguntas	Respostas
A produção que você realiza no seu quintal produtivo agroecológico traz renda para sua família?	100% afirmaram que sim
Os alimentos produzidos no quintal produtivo agroecológico também vão para a alimentação da família?	100% afirmaram que sim
Você considera que as atividades que realiza no quintal produtivo agroecológico além dos alimentos produzidos e da renda gerada, também produz conhecimentos e experiências?	100% afirmaram que sim

**Fonte:** Pesquisa de campo

“As frutas e verduras que produzo aqui no meu quintal, vai para alimentação em casa e também dou para minhas irmãs que moram na cidade, além de dá também para minhas vizinhas da comunidade.”  
(agricultora participante da pesquisa)

Essa realidade apresentada pela agricultora enfatiza a grande contribuição dos quintais para a segurança alimentar das famílias, destacando o autoconsumo e a doação como prioridade. Essa prática da doação possibilita inclusive que outras famílias tenham acesso a

alimentos de qualidade que muitas vezes não teriam como comprar, refletindo diretamente no fortalecimento das relações solidárias.

Reforça, entre outros elementos, que produzir alimentos de forma sustentável com respeito ao meio ambiente, contribui para a construção de relações sociais justas, com o bem-estar das pessoas, para a prática da solidariedade e principalmente para a construção de uma sociedade mais inclusiva e ambientalmente sustentável.

Mesmo com todos os desafios da atualidade, onde o agronegócio tem sido fortalecido cada vez mais pelas políticas conservacionistas e predatórias do meio ambiente a exemplo do financiamento dos kits de insumos agrícolas e do uso indiscriminado de venenos, os quintais produtivos têm se apresentado como uma estratégia sustentável, contribuído para a soberania alimentar e para a transformação da vida das mulheres e suas famílias, além das comunidades. Fortalecendo a organização coletiva, o trabalho em mutirão e mobilizando outros atores e parcerias, possibilitado ampliação e visibilidade dos conhecimentos e experiências num contexto ainda de muito machismo, violência doméstica e de falta de investimento como é a realidade da agricultura, principalmente no sertão do Pajeú.

Essa realidade tem fomentado inclusive o debate sobre a necessidade de uma Assistência técnica - ATER inclusiva, que considere para além da produção, as relações de gênero, a sustentabilidade e o reconhecimento do protagonismo das mulheres nas suas diversas experiências e que possa incidir na construção de políticas públicas que dialoguem com os diferentes sujeitos e experiências.

As vivências das agricultoras com a produção no quintal, traz luz à uma construção coletiva do conhecimento, a disseminação destes conhecimentos fortalece os processos coletivos e de partilha, bem como visibiliza a realidade cotidiana enfrentada pela maioria delas com relação a responsabilidades sobre suas famílias. Todas as mulheres entrevistadas, se declararam chefes de família, o que evidencia e reforça as desigualdades de gênero, conforme apresentado abaixo na Tabela 4.

**Tabela 4** - Sobre as vivências das agricultoras com o quintal produtivo

Perguntas	Respostas
Já teve a oportunidade de compartilhar seus conhecimentos e experiências adquiridos no trabalho com o quintal produtivo agroecológico com outras mulheres?	100% afirmaram que sim
Você se considera “chefe de família”?	100% afirmaram que sim
Você se considera uma mulher “empoderada”?	100% afirmaram que sim

**Fonte:** Pesquisa de campo

Para além das relações desiguais apontadas, os dados da pesquisa evidenciam também que as experiências e vivências partilhadas pelas mulheres no espaço dos quintais, possibilita refletir sobre vários aspectos, produtivo, social e ambiental, sobre o partilhar das experiências, a troca de sementes, mudas, plantas e para a troca e doação de alimentos como aponta o monitoramento da caderneta agroecológica, fortalecendo a economia solidária.

Mesmo com pouca infraestrutura, os quintais produtivos se mostram como sendo espaços de reflexão sobre a “sobrecarga de trabalho” desempenhado pelas mulheres e vem contribuindo para refletir sobre as limitações impostas pelas políticas públicas, principalmente a política de Ater que não contempla as especificidades das mulheres trabalhadoras rurais. O que essa pesquisa evidenciou é a necessidade do reconhecimento do quintal enquanto espaço plural e diverso e que é nesse “cantinho” ao redor da casa que a soberania e segurança alimentar acontecem e que essa diversidade produtiva, contribui inclusive para o reconhecimento do trabalho das mulheres, tirando-as da concepção de “ajudantes” e as reconhecendo como trabalhadoras.

Portanto, nessa pesquisa, fica evidente que o trabalho desenvolvido pelas agricultoras no quintal produtivo, traz elementos importantes para refletir sobre a realidade na qual vivem, uma delas, diz respeito a sobrecarga de trabalho enfrentada por elas, constatando inclusive que as mulheres dedicam mais tempo ao trabalho doméstico e dos cuidados (em média de 08 a 12h) do que com as atividades produtivas (em média 04h diárias).

Também possibilita refletir acerca de como as mulheres compreendem o empoderamento, mesmo todas respondendo durante a pesquisa que se consideram empoderadas, a carga horária dedicada ao trabalho doméstico e dos cuidados evidencia que ainda não conseguem dividir essas tarefas com outros membros da família, portanto, faz-se necessário que a política de ATER considere em suas ações essa realidade para que possa haver de fato uma transformação social, entendendo principalmente que o trabalho doméstico é essencial para a manutenção da vida, porém, não é apenas uma responsabilidade das mulheres<sup>4</sup>.

Segue abaixo o monitoramento da produção e os valores anuais para cada uma das ações desenvolvidas nos quintais estudados, conforme a Tabela 5.

**Tabela 5** – Monitoramento da renda monetária e não monetária (autoconsumo).

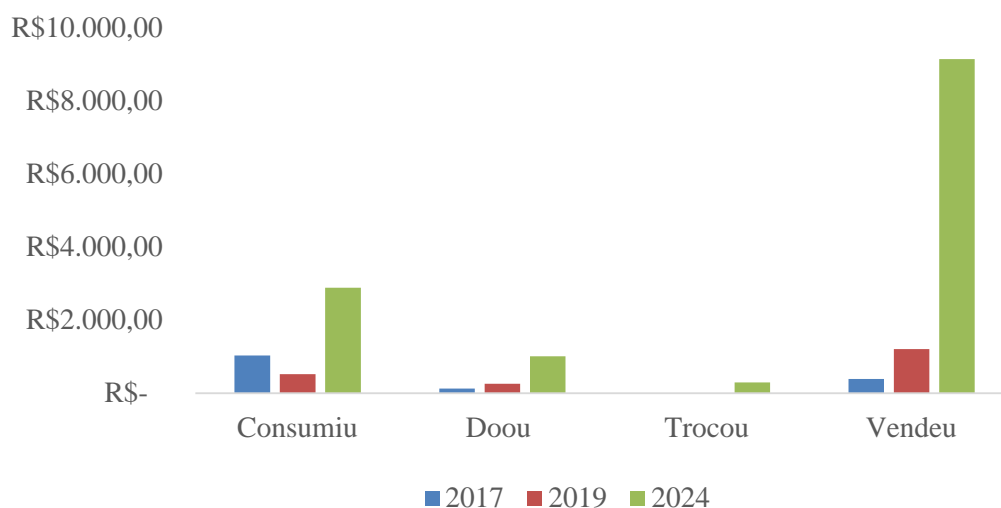
Ano	Consumiu	Doou	Trocou	Vendeu
-----	----------	------	--------	--------

<sup>4</sup> A partir dos dados coletados na Caderneta Agroecológica nos anos de 2017, 2019 e 2024, foi possível quantificar a dinâmica existente dentro dos quintais e a diversidade de produtos existentes.

2017	R\$ 1.039,10	R\$ 128,00	-----	R\$ 392,00
2019	R\$ 521,00	R\$ 261,00	-----	R\$ 1.208,50
2024	R\$ 2.891,50	R\$ 1.016,50	R\$ 300,00	R\$ 9.151,00

**Fonte:** Pesquisa de campo

**Gráfico 2** - Monitoramento da produção das agricultoras nos quintais, ao longo dos anos estudados.



**Fonte:** Pesquisa de campo

Os dados apresentados no gráfico espacializam a dinâmica produtiva, de consumo, doação e troca dos diferentes produtos que as agricultoras produzem no quintal produtivo. Esse monitoramento levou em consideração os produtos agrícolas in natura (hortaliças, frutas, raízes, tubérculos e os pequenos animais como galinhas vivas, ovos, etc.) e os produtos beneficiados como (pamonhas, doces, picles e conservas, galinhas abatidas, etc.).

Observa-se que no ano de 2017 o autoconsumo superou as vendas e foi o ano com menor valor em termos de doações. No ano de 2019 houve um pequeno consumo, porém, as vendas se destacaram, mostrando um comportamento inverso em relação ao ano de 2017. Para ambos os anos não houve registro de trocas.

No ano de 2024, tanto o autoconsumo quanto a comercialização superou os anos anteriores, o que demonstra uma capacidade produtiva significativa e uma valorização dos produtos, sobretudo, na melhoria da segurança alimentar e na geração de renda. A economia gerada com o autoconsumo (renda não monetária) quando somada a renda monetária visibiliza em média de um salário mínimo a um salário e meio.

A caderneta torna possível visibilizar essa produção até então invisível, as mulheres passam a enxergar essa renda não monetária e a economia que realizam quando produzem seu próprio alimento. Mesmo considerando um período pós pandemia, onde a produção nos

quintais sofreu grande impacto, tanto pela redução da produção, quanto na comercialização com o fechamento dos espaços de comercialização, a exemplo das feiras e outros locais de venda, o que obrigou as mulheres a reduzirem as atividades produtivas e concentrar-se nas atividades domésticas e dos cuidados. O resultado desse monitoramento, visibiliza inclusive a enorme capacidade de resiliência dos quintais produtivos agroecológicos e o grande potencial de gestão que as mulheres realizam nesses espaços.

A seguir, a Tabela 6 apresenta os principais produtos que as mulheres plantam e beneficiam através da produção nos quintais.

**Tabela 6** - Variedades de Produtos dos Quintais Produtivos Agroecológicos

Frutas	Verduras/Legumes/ Raízes	Origem animal/Beneficiados
Graviola	Abóbora	Leite
Acerola	Feijão verde	Ovos
Banana maçã	Pepino	Queijo
Limão	Batata	Galinha
Goiaba	Coentro	Polpa de frutas
Coco verde	Macaxeira	Pamonha
Seriguela	Pimenta	Bolachas
Mamão	Cebolinha	Mudas de plantas
Pinha	Abobrinha	
Manga	Milho	
Melancia	Cana-de-açúcar	
Umbu		
Pitomba		
Laranja		
Tomate		
Pitanga		

**Fonte:** Pesquisa de campo

Esse monitoramento demonstra a grande diversidade de espécies frutíferas e de hortaliças que as mulheres cultivam, porém, soma-se a essa produção, as plantas nativas que são utilizadas para o reflorestamento de áreas desmatadas e a produção de plantas medicinais que fortalecem essa diversidade e torna o quintal um espaço rico em diversidade e de construção do conhecimento coletivo, uma vez que os conhecimentos, práticas e muitos dos produtos são compartilhados entre as mulheres, contribuindo para o bem viver.

Dessa maneira, os quintais produtivos agroecológicos podem ser entendidos como espaços de produção sustentável e que muito tem a contribuir na construção de políticas

públicas com foco na sustentabilidade e nas condições dignas de trabalho para as trabalhadoras rurais.

## 6 CONCLUSÕES

É evidente a grande contribuição dos quintais produtivos agroecológicos para a soberania e segurança alimentar das famílias agricultoras, na produção de alimentos e na saúde da família, além da geração de renda e da construção do conhecimento coletivo. A pesquisa evidenciou o grande potencial produtivo que as mulheres desenvolvem nos quintais, que a relação das agricultoras com o quintal produtivo está para além da produção de alimentos, é a construção da cidadania, reafirmação de sua identidade como agricultora, construção do processo de empoderamento feminino, embasadas em referenciais teóricos que dialogam e refletem a contribuição das mulheres nessas diferentes atividades. As mulheres se auto reconhecem como chefes de família, mesmo as que se autodeclararam casadas, o que evidencia uma grande sobrecarga de trabalho quando se somam às atividades domésticas e as atividades produtivas no quintal. As contribuições referenciais de Siliprandi e Lopes Neto, principalmente, reafirmam inclusive que são através dos quintais produtivos agroecológicos que as mulheres rurais evidenciam seu empoderamento, ampliam seus conhecimentos, compartilham suas vivências e transformam as relações sociais. A pesquisa também demonstrou o protagonismo das mulheres no manejo agroecológico dos quintais e para a manutenção desses agroecossistemas. É fundamental a sistematização desses processos e qualificar as informações quantificando-as, de maneira que possam subsidiar debates sobre políticas públicas voltadas especificamente para as mulheres rurais, como os programas de Ater, Crédito Rural, Mercados Institucionais, entre outros.

As agricultoras compreendem que as atividades que desenvolvem nos quintais, são trabalho e não hobby, passatempo ou “ajuda” como sempre disseram. Portanto, construíram um conceito de trabalho como sendo todas as atividades que realizam na produção, que os alimentos produzidos contribuem para a segurança alimentar de suas famílias além da renda e do empoderamento através dos processos formativos que participam e compartilham.

Ficou evidente também os dados referentes à sobrecarga de trabalho das mulheres, intensificada pelo fato de serem mães solas, chefes de família, essa realidade acirra as desigualdades e obriga as mulheres a se dividirem entre as atividades domésticas, dos cuidados com a família e as atividades produtivas no quintal. Além disto, foi possível observar a compreensão que as mulheres têm sobre empoderamento, reconhecem que são

empoderadas, porém, mesmo assim, não conseguem fazer a divisão justa do trabalho doméstico em suas famílias, algumas mulheres têm conseguido, mas essa realidade ainda é muito imperceptível.

Portanto, essa pesquisa contribuiu para refletir sobre os diferentes aspectos que envolvem a produção das mulheres no quintal produtivo, principalmente no que se refere as várias transformações sociais necessárias para a equidade de gênero, considerando os aspectos econômicos, sociais e ambientais. Subsidiar no debate sobre a política de ATER, entendendo que as transformações sociais necessárias passam pela mudança na forma de produção e na relação com o meio ambiente, também passa pela discussão da divisão justa do trabalho doméstico que assevera a invisibilidade das mulheres e reforça o machismo e suas violências. Dentre outras coisas garante a segurança alimentar de suas famílias e assegura autonomia e protagonismo, reflete sobre seu papel social e subsidia o debate para construção de políticas públicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Juliete Amanda Theodora de; NORONHA, Cartiele Rosale Barbosa de; BRITO, Erik Renan Pinto de; FARIAS, Andriele Renata Barbosa de; ANDRADE, Horasa. Maria Lima da Silva. **A invisibilidade parcial do trabalho feminino no campo das atividades produtivas**. 18°. REDOR;UFPB; Recife; 2014. Disponível em:<ttp://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/1957/876>
- ABRANTES, Karla Karolline de Jesus. **Caminhos estratégicos para o desenvolvimento rural sustentável: uma análise da dinâmica sociotécnica dos quintais produtivos**. 2015. 113 f.: Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Pós-Graduação em Economia Rural, Fortaleza-Ce, 2015.
- ALEIXO, Sany Spínola; FILIPAK, Alexandra; PAES, Ana Maria Baccarin Xisto. O uso de mapas mentais como metodologia para o desenvolvimento da transição agroecológica e da autonomia econômica de mulheres rurais. **In: Agroecologia, Meio Ambiente e Sustentabilidade**. Ponta Grossa: Editora Atena, 2019.
- ALVARENGA, Camila; ALVES, Luciana; CARDOSO, Elisabeth; CASTRO, Nayara de; SAORI, Sheyla; TELLES, Liliam, **Caderneta agroecológica e os quintais: Sistematização da produção das mulheres rurais no Brasil**. Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, Minas Gerais, 2018.
- ALMEIDA, Marli. **Feminismo e agroecologia: Princípios para uma prática de assessoria técnica e social emancipadora** - Mulheres do sertão do Pajeú, 2008.
- BRITO, Carolina Azevedo. **Mulheres Rurais e seus Quintais Produtivos: Empoderamento Feminino, Sustentabilidade e Segurança Alimentar** - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Princesa Isabel, 2020.
- BUTTO, Andrea, HORA, Karla Emmanuela R. **Mulheres e Reforma Agrária no Brasil**. Nead debate, 2004.
- CARRASCO, Cristina, **A Economia Feminista: Um Panorama Sobre o Conceito de Reprodução**, Revista Ekonomiaz. Revista Vasca de Economia, número 91 (I-2017), pp. 50-75.
- CALAÇA, Michela, Rompendo a cerca do isolamento: As relações entre a Agroecologia e as questões de gênero, Dissertação de (mestrado), **Universidade Federal de Pernambuco**, Recife, 2012.
- CASTILHO, E. W. V. **Gênero. Dicionário de Direitos humanos – ESMPU**, 2006. GOMES, Ângela de Castro (org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004. 383 p.
- CABRAL, F.; DÍAZ, M. Relações de gênero. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-150.
- CARNEIRO, M. G. R; CAMURÇA, A. M.; ESMERALDO, G. G. S. L.; SOUSA, N. R. de. Quintais Produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar (O caso do Assentamento Alegre, município de Quixeramobim/CE). **Agroecologia**, 8 (2): 2013. p. 135-147.



CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural: contribuições para promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Brasília-DF: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

DECLARAÇÃO DE NYÉLÉNY – **Foro Mundial Pela Soberania Alimentar**. 2007. Nyéléni, Selingue, Malí. Disponível em: <https://nyeleni.org/spip.php?article327>.

DUBEUX, A.; MEDEIROS, A.; VILAÇA, M.; SANTOS, S. (Org.). **A construção de conhecimentos em Economia Solidária: sistematização de experiências no chão de trabalho e da vida no Nordeste**. Recife. F&A Gráfica e Editora Ltda, 2012.

DUBEUX, A.; PEIXOTO BATISTA, Marcela. **Agroecologia e Economia Solidária: um diálogo necessário à consolidação do direito à soberania e segurança alimentar e nutricional** - Redes - Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 2, maio-agosto, 2017.

FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam. Gênero e Desigualdade. **Cadernos Feministas**. São Paulo: SOF, 1997. Disponível em <[pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/sms-3493](http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/sms-3493)>.

FBES – Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Documento Final V Plenária Nacional de Economia Solidária. Brasília. **FBES**, 2013.

GOMES, Fabiano Leite; LIMA, Cláudia; GOMES, Elton Márcio Leite. **Agroecologia e gênero: Uma relação de desenvolvimento nos quintais produtivos**. Agroecology and gender: A developmental relationship in productive backyards. BELK, R. Somos o que possuímos? In: **BENSON, A.** (Ed.). Universidade Federal de Alagoas; Universidade Federal de Pernambuco; Escola Estadual Sebastião Guedes da Silva - 2015

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/itapetim.html>

LOPES NETO, Antônio Augusto Lopes Neto; LOPES, Isabel de Luanda; FEITAL, Auxiliadora. **Caderneta Agroecológica e Feminismo: o que os quintais produtivos da Zona da Mata têm a nos dizer**. Centro de Tecnologias Alternativas da Zona Mata – CTA/ZM, [guto@ctazm.org.br](mailto:guto@ctazm.org.br) Seção Temática: Gênero e Agroecologia; Vol 10, Nº 3 de 2015.

MELO, Lígia Albuquerque de **Relações de gênero na agricultura familiar: o caso do PRONAF em Afogados da Ingazeira- PE**. / Lígia Albuquerque de Melo. – Recife, O autor, 2003. Disponível em: <[https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9144/1/arquivo1405\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9144/1/arquivo1405_1.pdf)>

MEDEIROS ALVES, Luciana, ALVARENGA, Camila, CARDOSO, Elisabeth, DE CASTRO, Nayara, SAORI, Sheyla, TELLES, Liliam. **Caderneta agroecológica e os quintais: Sistematização da produção das mulheres rurais no Brasil**. Minas Gerais: Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, 2018.

OLIVEIRA, Rafael Monteiro. **Quintais e Uso do Solo em propriedades Familiares**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - Minas Gerais - Brasil 2015.

PEREIRA, Amanda Gonçalves. **Divisão sexual do trabalho: limitação à igualdade de gênero e ao desenvolvimento**. 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/download/375/211>>

PEREIRA DE JESUS, Cleidineide, MURIELLE SANTOS, Deborah, SEIBERT, Graciele Iridiani, CALAÇA, Michela. **QUINTAIS PRODUTIVOS: O OLHAR FEMINISTA TRANSFORMANDO “PEQUENOS” ESPAÇOS EM GRANDES EXPERIÊNCIAS AGROECOLÓGICAS** - Cadernos

de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Diálogos Convergências e divergências: mulheres, feminismos e agroecologia - v. 16, no 1, 2021.

RIBEIRO, J. A.; VEIGA, R. T. **Proposição de uma escala de consumo sustentável**. R. Adm., São Paulo, v. 46, n. 1, p. 45-60, jan./fev./mar. 2011

RODRIGUES, Sandra Marli da Rocha. Movimento de Mulheres Camponesas do Paraná/PR, **In: Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo a prática agroecológica**: Relatos de uma vivência, 1ª edição, Ed. Copiart, Tubarão, Santa Catarina, 2017.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília. Brasília. 2009.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas.** / Emma Siliprandi. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SILVA, Luiza Carolina; FREITAS, Karine Pereira; OLIVEIRA, Jannah; SILVA, Luana; PINILLA, Nara; JALIL, Laeticia Medeiros. **Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

SELINGUE, Malí, Nyéléni. DECLARAÇÃO DE NYÉLÉNY – **Foro Mundial Pela Soberania Alimentar**. 2007. Disponível em: <https://nyeleni.org/spip.php?article327>.

SILVA, Aldenôr Gomes da & MEDEIROS, Jalil Laeticia, Thalita Costa da. **NOVOS SUJEITOS POLÍTICOS: auto-organização das trabalhadoras rurais**. 44º Congresso, 23 a 27 de julho de 2006, Fortaleza-Ceará, Brasil, 2006. Disponível em <<https://ideas.repec.org/p/ags/sobr06/149234.html>>.

## ANEXO A – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO PRODUTIVO

### Questionário

Nome Completo: \_\_\_\_\_

Idade \_\_\_\_\_ Raça/Cor/etnia \_\_\_\_\_ Gênero: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_ Estado civil: \_\_\_\_\_

Mãe solo: \_\_\_\_\_

1. Você considera como sendo “trabalho” a produção que realiza no quintal produtivo agroecológico?  
Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Outros \_\_\_\_\_
2. A produção que você realiza no quintal produtivo agroecológico traz renda para sua família?  
Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Outros \_\_\_\_\_
3. A renda gerada com a venda do excedente da produção do quintal agroecológico é sua ou do seu companheiro (a)?  
Esposo \_\_\_\_\_ Mulher \_\_\_\_\_ Respectivamente \_\_\_\_\_ Outros \_\_\_\_\_
4. Os alimentos produzidos no quintal produtivo agroecológico também vão para a alimentação da família?  
Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Respectivamente \_\_\_\_\_ Outros \_\_\_\_\_
5. Quantas horas por dia você dedica ao trabalho no quintal produtivo agroecológico?  
\_\_\_\_\_  
E as atividades domésticas de cuidados da casa, dos/as filhos/as, idosos?  
\_\_\_\_\_
6. Você considera que as atividades que realiza no quintal produtivo agroecológico além dos alimentos produzidos e da renda gerada, também produzem conhecimentos e experiências?  
Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Outros \_\_\_\_\_
7. Você decide sobre o que comprar com o dinheiro gerado através do trabalho realizado no quintal produtivo agroecológico?  
Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Outros \_\_\_\_\_
8. Você se considera “chefe de família”?  
Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Outros \_\_\_\_\_
9. Já teve a oportunidade de compartilhar seus conhecimentos e experiências adquiridos no trabalho com o quintal produtivo agroecológico com outras mulheres?  
Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Outros \_\_\_\_\_
10. Você decide sobre o que plantar em seu quintal produtivo agroecológico?  
Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Outros \_\_\_\_\_
11. Você se considera uma mulher “empoderada”?  
Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Outros \_\_\_\_\_